

## *O precioso sangue de Cristo*

“...não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos... mas pelo precioso sangue de Cristo...” (1Pedro 1.18-19).

Desde o princípio o sangue tem sido considerado por Deus como algo muito precioso. Ele delimitou esta fonte de vitalidade com as mais solenes sanções. O Senhor assim ordenou a Noé e a seus descendentes: “Mas não comam carne com sangue, que é vida” (Gênesis 9.4). O homem tinha “tudo o que... se move” (Gênesis 9.3) para lhe servir de alimento, mas de modo algum poderia comer o sangue com a carne. Os animais sufocados deviam ser considerados impróprios para serem ingeridos, visto que Deus não queria que o homem se familiarizasse com o sangue,

comendo-o ou bebendo-o de nenhuma forma. Desse modo, mesmo o sangue de touros e bodes tinha algo de sagrado que lhe foi conferido pelos decretos de Deus.

Quanto ao sangue do homem, lembremos como Deus é ameaçador:

“A todo aquele que derramar sangue, tanto homem como animal, pedirei contas; a cada um pedirei contas da vida do seu próximo. Quem derramar sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus foi o homem criado” (Gênesis 9.5-6).

É verdade que o primeiro homicida não teve o seu sangue derramado pelo homem; porém, por outro lado, o crime era algo novo e a penalidade ainda não havia sido estabelecida e proclamada, e por isso o caso foi claramente excepcional e único; e mais, a sentença de Caim foi provavelmente muito mais terrível do que se ele tivesse sido morto naquele instante. Foi-lhe permitido dar vazão à sua iniquidade, ser um fugitivo e vagabundo sobre a face da terra, para então receber a terrível herança da ira, a qual foi, sem dúvida, grandemente acrescentada pela sua vida de pecado. Sob a dispensação teocrática, na qual Deus era o Rei e governava Israel, o homicídio era punido

da maneira mais exemplar, e nunca havia nenhuma tolerância ou desculpa aceitável. Olho por olho, dente por dente, vida por vida, era a lei inflexível e inexorável. Está expressamente escrito: “Não aceitem resgate pela vida de um assassino; ele merece morrer. Certamente terá que ser executado” (Números 35.31).

Mesmo nos casos onde a vida era tirada acidentalmente ou por uma fatalidade, o ocorrido não era tolerado. O assassino fugia imediatamente para a cidade de refúgio, onde, após ter o seu caso devidamente processado, era-lhe permitido residir; contudo, não havia segurança para ele em lugar algum até a morte do sumo sacerdote. A lei geral para todos os casos era:

“Não profanem a terra onde vocês estão. O derramamento de sangue profana a terra, e só se pode fazer propiciação em favor da terra em que se derramou sangue, mediante o sangue do assassino que o derramou. Não contaminem a terra onde vocês vivem e onde eu habito, pois eu, o SENHOR, habito entre os israelitas” (Números 35.33-34).

Está claro, portanto, que o sangue sempre foi precioso aos olhos de Deus, e Ele quer que o seja também aos nossos.